

Soldati brasileiros acolhidos pela população local em Massarosa (Lucca).



60 ANOS DE MONTE CASTELLO

Lembrando os feitos da FEB - Força Expedicionária Brasileira na Itália

Durante a II Guerra Mundial, o Brasil enviou 25.334 jovens para combater no Teatro de Operações do Mediterrâneo, na última e mais sangrenta fase da invasão da península italiana, caracterizada pelo avanço sobre a porção setentrional da cordilheira Apenina.

Assim sendo, alguns milhares de soldados brasileiros foram lutar na terra de seus avós ou até mesmo de seus pais. Para se ter uma idéia, a primeira unidade de infantaria brasileira a entrar em ação foi o 6º Regimento, sediado em Caçapava, interior de São Paulo. Nessa unidade, 206 soldados eram da cidade de Campinas, dos



Uma veduta di Monte Castello.

quais 109 tinham ascendência italiana.

A presença de soldados de origem italiana foi bastante significativa na FEB - Força Expedicionária Brasileira. Alguns dos mais condecorados estavam entre os ítalo-brasileiros: Vicente Gratagliano, Artemiro Botossi, Zeferino Crepaldi e Vessio Manelli (este último um dos soldados que mais ferimentos recebeu na guerra), entre outros. A FEB foi composta principalmente de jovens recrutados nas lavouras e operariado urbano. Muitos eram provenientes do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e região Sul de Minas Gerais.

Mas apesar da sua participação na FEB, por



vezes as autoridades policiais perseguiam as famílias destes soldados, já que Brasil e Itália encontravam-se em estado de beligerância. O veterano Mario Este, que serviu na guerra como padoleiro no 1º Regimento de Infantaria, lembra-se de um inspetor do DOPS que vivia fazendo insinuações à respeito da fidelidade da família Este à causa Aliada. Mario lembra-se que o inspetor se calou quando soube de seu embarque para a Itália.

Os brasileiros entraram em combate na região do vale do Rio Serchio em setembro de 1944. Veteranos lembram-se de que muitos habitantes da região procuravam, junto aos soldados, informações de seus parentes no Brasil. José Gonçalves, que comandava um pelotão de fuzileiros, recorda-se das irmãs Battore: “elas tinham um irmão que era alfaiate em São Paulo, no bairro da Pompéia. Com a declaração de guerra, o contato estava rompido, e todos desesperados por notícias. Escrevi para minha mulher, que transmitiu o recado das duas irmãs”.

Muitas vezes, os soldados da FEB se ombream com os combatentes das brigadas de partigiani, para expulsar os alemães dos apeninos. O



Un mezzo blindato brasiliano a Piazza della Repubblica, a Montese.



tenente Gonçalves se recorda de um golpe de mão contra uma posição alemã no qual seu pelotão foi apoiado por um pelotão de partigiani. Brasileiros e italianos avançaram, sem sucesso, pagando um tributo de sangue alto: um soldado brasileiro e dois italianos morreram, além de inúmeros feridos. Os primeiros ataques brasileiros ao Monte Castello, empreendidos em fins de novembro de 1944, ainda sob comando americano, foram também apoiados por partigiani, enquadrados na Task Force 45, um comando tático *ad hoc* de formação temporária para operações especiais.

Apesar do estado de beligerância entre Brasil e Itália, os brasileiros não se comportaram como militares que ocupavam um país inimigo. A facilidade do aprendizado do idioma local facilitou os contatos entre soldados brasileiros e a população italiana. Um indício das relações amistosas desenvolvidas no curso da campanha são os inúmeros monumentos erigidos por comunidades do vale do Serchio, na Toscana e nos vales do Reno e do Panaro, na Emilia Romagna, nos antigos campos de batalha dos expedicionários.

Montese e Gaggio Montano construíram, na década de 1990, esculturas comemorativas dos brasileiros que perderam suas vidas nas encostas apeninas. Desde 1994, grupos de veteranos da FEB tem visitado estas cidades, nas quais são festivamente recebidos pelos habitantes.



Vivaldo Pagni recebe a Medaglia Libertà e Democrazia nei 60 anni da Monte Castello

Monte Castello situa-se nas elevações ao norte de Gaggio Montano. Um dos principais organizadores das recepções aos

veteranos é o cidadão gaggesse Fabio Gualandi que, aos 15 anos, trabalhou como ajudante de cozinha com os homens do 11º Regimento de Infantaria. Fabio, até hoje, lembra-se da canção “Mãe eu quero”, que os brasileiros cantavam em suas horas de descanso. Em visitas ao Brasil, trouxe retratos de soldados que conheceu durante a guerra, esperando encontrá-los em suas cidades de origem.

Mas as relações com os brasileiros não se destacaram somente com a população civil, como demonstra um depoimento do soldado alpino da Divisão Monterosa, Silvano Layn. Em fins de abril de 1945, o 6º Regimento de Infantaria cercou e capturou tropas da República Social Italiana. Em certo ponto da coleta de prisioneiros, partigiani estavam acossando os prisioneiros. Layn se recorda da atitude dos brasileiros, como relatou a Davide del Giudice:

“Os brasileiros nos conduziram até S. Andrea Bagni (Parma). Durante a marcha, deram um alto, para permitir que repousássemos. Um grupo de civis investiu vivamente contra nós. Os civis levaram garrafas de vinho para os brasileiros, que as beberam e depois de-



SENTA A PUA
Gli americani P47 pilotati dai
brasiliani, a Tarquinia.

